EM CAMPO RASO AS TROPAS DOS INHAMUNS

GOMES DE FREITAS

O estrugir da roqueira naquela manhã de fim de inverno, de um dia de junho de 1719, ecoava nas quebradas distantes, anunciando aos pacatos moradores do Arraial de Nossa Senhora do Ó (Icó) a aproximação da comitiva do Governador da Capitania do Ceará Grande — Salvador Alves da Silva.

A recepção a que fazia jus personalidade de tamanha importância, prepara-a o povo, com alegria e dedicação. Casas embandeiradas, trajes dominiqueiros, inquietação festiva e nas cozinhas da "nobreza" a azáfama de mucambas e "sinhás", na disputa das iguarias para o "banquete".

O povo, voltado para o aparato da "grandeza" presente, exultava, mas alguém no meio do povo trazia o coração referto de grande satisfação. O governante não andava apenas conhecendo as paragens dispersas de sua jurisdição. Na maca conduzia mercês de tôda a sorte. Eram títulos honoríficos e despachos de concessões sesmáricas. O representante do Rei, nas margens do Salgado, entre o colono rústico e a indiada esquiva, percebia bem naquele "Viva o nosso Poderosíssimo Rei D. João V!" o entusiasmo de seus governados e a voz de comando que os animava. Amigo íntimo do Padre José Ferreira Gondim, vigário de Goiana e vice-vigário de Recife, olhava com especial deferência para os parentes dêstes promotores dos mais ardentes, da festividade.

Quando no salão "nobre" de piso de terra batida de uma grande casa de taipa, coberta de telha, se desafivelaram as correias da maca governamental, brotaram da papelama os títulos de Sargento-Mor para o ajudante Francisco Ferreira Pedrosa e de Comissário-Geral para Lourenço Alves Feitosa (promovido de simples Alferes) e para Francisco Alves Feitosa a patente de Coronel de Cavalaria. O primeiro era irmão, o segundo, cunhado do padre vigário de Goiana. E, assim, por amizade reflexa, surdia o poderio dos homens que no mesmo instante eram investidos das funções de Cabos das Ribeiras dos Inhamuns e do Quixelô. Não apenas Salvador, também

o seu sucessor Manuel Francês, pessoa ligada ao vigário, cumulou Francisco Ferreira Pedrosa e Lourenço Alves Feitosa com muitas sesmarias, vastidões imensas de terra por todo o interior cearense. Os homens de Pernambuco se transformaram em verdadeiros donos dos sertões cearenses. Lourenço não se contém de prazer. Eram grandes as distinções e imensurável o seu desejo de dominação. Tudo lhe caía às mãos a um só tempo, quando "a lei era a vontade do mais forte e do mais astuto e o desfôrço e a vindita pessoal substituíam as disposições do código, sem provocar reparos, antes movendo a admiração" (B. de Studart). Senhor absoluto, o Comissário "levantava presídios ou sítios em terras alheias com cominação". Fêz-se dos bens de raiz de Bucaro e de outros colonos, ferreteava aqui, metia o chanfalhão acolá e as desafeições foram crescendo, sobretudo a dos Montes, também ricos e grandes senhores de terras.

Inconformados com as investidas de Lourenço nos seus domínios, e com os castigos infligidos a seus vaqueiros, mandaram os Montes queixa ao Governador-Geral de Pernambuco (1721), e êste, por duas vêzes, autorizou a um da parcialidade dos Montes, o Cel. João da Fonseca Ferreira, "para prender a Lourenço, inviolàvelmente", recebendo a ajuda material do Governador da Capitania. Francês, todavia, nega-se a fornecer tropas a Fonseca, chamado o "manda-chuvas" dos Cariris-Novos, dando-lhe, no entanto, o govêrno do tapuio Jenipapo e, ardilosamente, determina a suspensão de hostilidades numa carta cominatória "com pena de serem tidos por desobedientes e Régulos, e os seus bens confiscados para a Coroa". Bem sabia o que estava fazendo. Já conhecia demais o seu protegido (20.4.1722).

O homem dos Cariris-Novos, agora governante dos sanguinários Jenipapos, desconfiava a seu tanto da honraria recebida, quando buscava outras atribuições. No comêço do ano seguinte (1723), volta ao Forte e ousou provocar os sentimentos e as inclinações do Governador. Procede astuciosamente, pede mercê do sítio Lagoa, que êle mesmo confessa "pertencendo as ilhargas do Comissário-Geral Antônio Mendes Lobato". Mais uma surprêsa, pois lhe é concedida a terra do maioral dos homens das Alagoas. Naturalmente, a si mesmo perguntou: — O que significa esta atitude do Governador? Pagará a pena continuar parcial dos Montes? E de inquirição a inquirição no caminho de seus interêsses, encontra um dia do ano de 1724, ostensivamente agressivo sob o pálio da Justiça, as hordas de Lourenço e numa surprêsa terrível a elas se alia para o ataque da fazenda "Pilar", do Cel. Francisco de Montes e Silva, participando do fuzilamento sumário de 33 vaqueiros de seu antigo companheiro de garimpo nas minas do Sul da capitania, na mineração de ouro, patrocinada pela Câmara de Aquirás, nos idos de 1715.

Estava presente ao massacre José Mendes Machado (o Tubarão), que impassível negou assistência religiosa aos executados e, na orgia do sangue, mandou fazer carga por três lados e fêz rufar uma caixa de guerra. Ávido de pecúnia para voltar à Pátria com os bolsos recheados, o Ouvidor era realmente uma figura execranda.

Juiz sem dignidade, sob qualquer pretexto "tira devassas particulares" e cobra altíssimas custas de 80$000. Obrigou certos colonos a vender 40 vacas a 2$000 e embolsou-lhes o apurado. Invadiu a alçada do Juiz Eclesiástico, dos casos da competência do Santo Ofício, "de todo rapaz que tinha pecado com mulher solteira cobrava 4$000 e se tinha pecado duas vêzes não fazia menor redução de 8$000".

As populações sertanejas, aterrorizadas, sentem-se entre dois fogos, cada qual o mais virulento — a luta fratricida das armas e a tirania do Ouvidor. Necessitam providências para debelar uma e extinguir a outra. Assim, queixam-se ao Governador da Capitania.

Em face dos graves acontecimentos, "em reunião dos oficiais da Capitania assentara-se em expedir dois Cabos com 200 homens, inclusive os tapuios Paiacu e Canindé, com ordem para exterminar o tapuio (de corso) e retirar das ribeiras os Cabeças de uma e outra parcialidade". O calendário marcava 25 de março de 1725, e parecia que o interior cearense se havia incendiado. Montes e Feitosas estavam engalfinhados. Também, fronteira além, lá na terra dos bandeirantes — Pires e Camargos disputavam a trabuco a maioria do plenário da Câmara de São Paulo. O exemplo dos graúdos contaminara os miúdos.

"A história desta truculência de que se originaria o cangaço (Pedro Calmon) é a mesma história de tôdas aquelas lutas de famílias que trouxeram a colônia em polvorosa e que nela sua preeminência marca um período inteiro da então Capitania do CEARÁ GRANDE. Muito se tem escrito sôbre elas, muito se há ainda de escrever, porque episódios, que mais se acharam, vão aos poucos sendo exumados de velhos papéis, senhores de tantos segredos.

O Governador Manuel Francês, em 30 de maio, comunicou à Câmara de Aquirás "que continuando a exaltação dos ânimos resolvera seguir para a Ribeira do Jaguaribe". Acompanhado de 10 soldados de infantaria, 24 homens de cavalos e um sargento pago e 30 índios flecheiros, chegou com a escolta até Arneiroz, ninho dos Feitosas. Ao seu regresso, fêz uma nova comunicação "ao Senado da Câmara de Aquirás, narrando vários crimes dos Feitosas e sua parcialidade".

A tranqüilidade no interior estava para chegar. Assim, para fugir aos inimigos que fizera, o Ouvidor Machado andou "mais de 600 léguas para se recolher à Bahia." Tementes de confissões e fu-

gindo a serem tidos por desobedientes e régulos, preferiram o ostracismo. Os irmãos Feitosas e o Cel. João da Fonseca Ferreira com os Jenipapos homiziaram-se no Piauí; o Capitão Antônio de Sousa Goulart, na Bahia. Da outra parcialidade, os Mendes Lobato, nas Alagoas; o Cel. Teodósio Nogueira Lima e o Ten.-Cel. Antônio Gonçalves de Sousa, em Pernambuco; os Barbalhos, enfim, na Paraíba. Não tardou que os Tabajaras, auxiliares dos Montes, regressassem a Maranguape, donde pediram, arrependidos, perdão a El-Rei. A aguerrida nação dos Jucás recolheu-se aos seus pagos, no rio Vocoró, que deságua perto da serra dos Boqueirões.

No decurso da luta, muitos desapareceram, mesmo alguns estranhos aos particulares interêsses das parcialidades combatentes, mas solidários por parentesco. Uma palavra qualquer, dita a favor de um grupo, marcava a animosidade do contendor. E o homem do sertão, quando falava em época de guerra, os vocábulos que emitia tinha o pêso do chumbo ou a ligeireza da flecha. Assim, morreu pela língua às mãos assassinas de um filho do Cel. Francisco Feitosa, o Capitão Luís Coelho Vidal, no Tauá. Varado de bala, cai o Capitão Manuel de Montes Pereira, do Bom Sucesso, e em vindita mandam os Montes matar o Capitão Álvaro de Lima e Oliveira, nos Itans, da parcialidade Feitosa. Não se sabe bem ao certo, mas Francisco, filho do colonizador Francisco Alves Feitosa, não é visto no resto dos autos do inventário de seu pai. Grandes baixas se fizeram de um como do outro lado. Era encarniçada a guerrilha.

Para apurar responsabilidades, foi enviado de Lisboa o Dr. Ouvidor Antônio Loureiro de Medeiros (1728), cópia fiel do Judas dos trinta dinheiros, vendeu por 18.000 cruzados a absolvição dos implicados nas "cento e quarenta e sete mortes, feitas e mandadas fazer pelos das famílias Montes e Feitosas com os seus parciais" e, por êste motivo, "foi remetido prêso para Portugal, por ordem do Governador de Pernambuco." Dois outros ocupantes da Ouvidoria não satisfizeram. Encontrava-se, assim, a Capitania sob o império da desordem. Mas, reinava D. João V, o Magnânimo. Esbanjador do ouro das lavras do Brasil, era todavia amigo da ordem e da paz. Condoído dos súditos "do país do Jaguaribe", deu ordens ao Conselho Ultramarino para que sem demora indique um juiz capaz de pôr côbro àquelas tropelias. E um único nome é lembrado e unânimemente escolhido: Antônio Marques Cardoso, que se encontrava na Bahia, aguardando a qualquer momento a sua nomeação para Desembargador de S. Majestade.

Figura respeitável dos pretórios de Lisboa, o nôvo magistrado recebeu instruções, com amplos podêres, para devassar as sublevações da Capitania, ao tempo do Governador Manuel Francês, que devia ser sindicado, bem assim os Ouvidores Mendes Machado e

Medeiros, tendo aqui chegado nos últimos dias de dezembro de 1733. Agiu inflexível e corajosamente na apuração dos fatos delituosos e ao seu Rei em 20 de abril de 1738 "informa sôbre as residências que tirou naquela capitania e da conveniência em se prenderem os culpados nas diligências das famílias Montes e Feitosas, bem como demitir dos postos da ORDENANÇA todos os membros destas famílias a fim de se evitarem novas sublevações".

A conduta de Cardoso prova à saciedade que ainda havia homem probo e honrado. No afã de definir responsabilidades, durante quase onze anos demorou-se nos sertões cearenses para implantar, como implantou neste recanto do domínio português, de então, a tranqüilidade e a ordem. Em 1745, em um dia de março, entregava a S. Majestade Fidelíssima os volumosos autos da devassa "e tudo que se contém com as testemunhas, que nela se perguntaram e documentos juntos". E no dia 18 de novembro daquele ano "o Conselho Ultramarino leva ao conhecimento de El-Rei a maneira honesta e prudente com que se houve no Ceará o Des. Antônio Marques Cardoso", sem dúvida o Pacificador da família cearense. Deixou quietação por tôda a parte. A paz baixou sôbre os sertões bravios. O antigo dono da terra, temente a Deus, assistia resignado às aulas de catecismo que lhe ministrava o cura da Aldeia, mas com um ouvido na prédica e o outro no tempo. O gentio de corso desaparecera, pela ação do trabuco. Em Arneiro, da outrora pujante guarda pretoriana dos Feitosas (os Jucás) restavam apenas algumas dezenas de casais de índios desfigurados.

Um clima de absoluta segurança era respirado nos risonhos sertões dos Inhamuns. O fazendeiro sentia-se feliz, vendo os seus campos prósperos de gado vacum e bonitos cavalos. Agora, sonhava com novas para a terra que adotara para seu domicílio e, não tardou, o Bispo de Pernambuco, aos 7 de dezembro de 1755, criava com área dilatada a Freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Inhamuns, com sede em São Mateus. Seus limites iam dos domínios dos Cariris às "Terras dos Caritheús", por isso que ainda hoje uma parte do município de Independência pertence à paróquia de Tauá. Foi um grande acontecido que alegrou a sertanejama tôda. Alegria só igualada à notícia que o Conde de Vela Flor faz saber de uma Carta Régia, que permitia a criação de uma vila nos Inhamuns. Infelizmente, contra a medida se voltaram os vereadores da Câmara do Icó. Não era ainda chegada a hora da emancipação política da região das ricas pastagens. Todavia, doze anos depois, em 1778, com destaque figurava como "contribuinte dos Dízimos Reais, no quadro administrativo da Capitania, na seguinte ordem: 1 — Ceará (Forte, Aquiraz e Montemor o Nôvo); 2 — Jaguaribe (Russas); 3

— Icó; 4 — Acaraú; 5 — Curuyaú (Granja); 6 — Quixeramobim; 7 — Inhamuns e 8 — Cariris-Novos".

Com certa importância apresentava-se o distrito aos olhos da Capitania com o seu Corpo de Ordenança, denominado 32 Regimento de Cavalaria Ligeira, sob o comando do Cel. Manuel Ferreira Ferro, filho do colonizador Francisco Feitosa. Êste comando passou, mais tarde, para o seu parente Capitão-Mor José Alves Feitosa, até 1823, ano de seu falecimento. Por êsse tempo, os Araújos eram senhores da situação política, detentores das mais opulentas fortunas, consideradas em grupos de família e, como uma conseqüência natural, reclamaram o comando superior da importante corporação. Assim, apareceu na pessoa do Cel. João de Araújo Chaves (o do Estreito) o terceiro Oficial Superior do 32 Regimento.

Em 1831, as Milícias dos Regimentos desapareceram para dar lugar à "briosa" Guarda Nacional do Império. E os homens da Côrte, numa homenagem que tanto tinha de justa como de honrosa, aos homens dos Inhamuns, colocaram em condições de igualdade os privilégios da Capital da Província e do planalto inhamunhense. Ao Regimento substituiu uma Legião com dois batalhões, um em Tauá e outro em São Mateus. Ocuparam seu comando superior os Coronéis João de Araújo Chaves, Inácio de Oliveira Bastos, Francisco Fernandes Vieira e Joaquim Leopoldino de Araújo Chaves, filho do primeiro. A Legião possuía uma mobilidade extraordinária. Sem maiores complicações, dispensados os trâmites do "alto" deslocava a sua sede fàcilmente; acompanhava o comando superior. Quando êste era Carcará, ela estava em São Mateus; quando êste era Araújo, ela voltava por São João do Príncipe.

A fabulosa corporação dos Inhamuns era constituída de sertanejos da boa raça de vaqueiros, valentes e nobres, com os seus feitos nas revoluções de Filgueiras, Tristão Gonçalves e Pinto Madeira, nomes registrados nas páginas das histórias. Hábeis na técnica do pastoreio, acostumados aos perigos das corridas nas caatingas brutas, quando na guerra faziam prodígios.

Na primeira metade do século passado, o Cariri era como cratera vulcânica em intermitentes irrupções. Inflamados pelas armas e pelas idéias, largavam as várzeas do Salgado, sem olhar perigos, sem divisar barreiras a impetuosidade de sua marcha. Também pelas armas e pelas idéias, vêzes repetidas, os vaqueiros dos Inhamuns com êles terçaram armas. No expirar do ano de 1831, as hordas de Pinto Madeira marcharam como um rôlo compressor, esmagando a todos. Na vanguarda, dois padres concitando o povo e, um dêles, à maneira dos sacerdotes de Mafoma, em guerra santa, o cônego Antônio Manuel de Sousa benzia cacêtes. As populações do Nordeste assustaram-se. Mestre Câmara Cascudo nos diz: "A fama de

Pinto Madeira é de violência, rapinagem e brutalidade dissolvido no espírito do povo que o viu como invasor". Possuído de incontido ódio, cometia desatinos. Era a lei da guerra. Vencer a qualquer preço.

Em 27 de dezembro daquele ano, o Cel. Luís Rodrigues Chaves viu-se fragorosamente derrotado pelo Condestável do Cariri. No começo do ano seguinte, um copioso inverno alagava os caminhos do sul da Província, formando nos brejos verdadeiros sumidouros. Vindo de Santana, o Cel. Manuel de Barros Cavalcante, famoso cabo-de-guerra que lutou contra Fidié, no Maranhão, caía numa cilada, vendo amargurado os seus soldados quando não varados de bala, sepultados vivos nos brejos traiçoeiros. Os governistas sofriam ao mesmo tempo nova derrota na serra de S. Pedro. E como uma mole imensa, inebriada com sucessivas vitórias as hostes de Pinto Madeira, calculada em 2 000 homens, divididas em duas colunas, investe para São Mateus e para o Icó.

O Govêrno havia mandado combater aos rebeldes por tropas de primeira linha sob o comando do Major Francisco Xavier Tôrres e se valia da Legião dos Inhamuns que, comandada pelo Cel. João de Araújo Chaves (o do Estreito), com assistência do Major Francisco Fernandes Vieira (Quartel Mestre), do Major José do Vale Pedrosa (Ajudante), três fazendeiros ricos que "não sabiam quantas reses tinham", avança para o inimigo.

Nas proximidades de São Mateus, fere-se o primeiro combate. Os pintistas cedem terreno às tropas dos Inhamuns, deixando no campo de batalha oito mortos, entre êles José Inácio de Freitas, um dos braços fortes do Chefe Revolucionário. Uma semana antes, os soldados de Terros, em choque renhido com os rebeldes, já entrincheirados nas ruas do Icó, necessitam recuar para detrás de uma igreja, onde prepara nova carga, agora de cavalaria, ao mesmo tempo que os fustiga com tiros de canhão. Os pintistas, finalmente com 36 baixas e muitos feridos, são obrigados a evacuar.

O exército do Major Tôrres acompanha em perseguição os fugitivos, pelas margens serpenteantes do Salgado, enquanto a Legião dos Inhamuns, mais para a direita, perseguia de perto a outra coluna, numa tentativa de alcançar a serra do Araripe. Dois meses seguintes (13 de junho), "as tropas dos Inhamuns, sob o comando do Major Francisco Fernandes Vieira, encontram-se no lugar Cachoeira, na estrada que liga Santanópole a Assaré, mais perto daquela do que desta, um numeroso troço de pintistas, dirigido pelo cabecilha Queiroz, que morreu em combate" (Irineu Pinheiro). Neste encontro foram grandes as perdas.

O inimigo se dispersa. Muitos se entregam às fôrças legalistas. Outros demandam os Estados vizinhos, buscando abrigo seguro. Es-

tava no fim a luta fratricida. Missão cumprida, os legionários inhamunhenses tornam aos lares.

Na ânsia de reverem os seus, marcham dia e noite, sem mostras de fadiga, pelo milagre da "saudade de casa". A caminhada de volta é feita pelas várzeas do Salgado, tendo Icó como passagem forçada. A vanguarda da Legião, com Fernandes Vieira à frente, aproxima-se da velha vila. Cheio de brio, ensoberbecido pelos seus feitos guerreiros, o major manda anunciar pelo corneteiro a sua entrada triunfal. Os relógios marcavam uma hora da madrugada e o sôpro forte do estridente clarim a todos acorda. Sùbitamente um tremor abala os nervos daquele povo já sofrido de recente batalha. Até o Vigário da Freguesia de Nossa Senhora do Ó ficou espavorido ante o clangorar da trombeta. Concedamos-lhe, por um instante, a palavra. É o próprio Padre José Vicente Pereira que, com sabor, retrata a cena patética em que estava envolvido: "Foi uma quadra de horrores aquela guerra do Pinto. Ainda hoje sinto mêdo, falando nisto. Uma noite, tinha tomado o meu chá, quando uma corneta me feriu aos ouvidos! Sarapantado e atônito, saltei da rêde, onde já me tinha metido, corro para fora, e fui esbarrar dentro de uma lagoa. Me acompanhou o meu moleque, que me dizia: Não corra, meu senhor, e parou à beira. Rapaz, lhe disse, com o coração a me sair da bôca, vai saber o que é aquilo. Na volta, me disse êle: Não é nada, meu senhor, é o major Francisco Fernandes que mandou tocar corneta. Saí então todo molhado, fui para casa. Abri o oratório e rezei: Meu Deus, bom pai e senhor, tende misericórdia de nós! Dai àquele avarento quanta terra êle quiser, muito gado, muito dinheiro, muito negro; mas por quem sois, não concedais àquele malvado uma corneta!"

Não resta dúvida de que se prevaleceu de um direito que lhe assistia, de recorrer ao Divino, mas o que nos intriga, em tôda esta história, é que o padre, possuído de mêdo ao sentir perigo iminente, ao invés de recorrer à vastidão dos campos, "ganhar o mato", como em outros tempos em tais circunstâncias faziam os nossos avós, foi êle meter-se nas águas frias de uma lagoa. Com que consciência teria recebido êle o toque da corneta da Legião dos Inhamuns? Ninguém sabe ao certo. Mas uma idéia me ocorre no momento: é possível que êle tenha laborado em lamentável equívoco: tomara aquelas notas do clarim como sendo o clangor das trombetas do Vale de Josafá, anunciando o dia de Juízo Final, e como não se julgasse em boas condições de lá comparecer, precavidamente, meteu-se nágua até a altura das orelhas, para ver se assim escapava às ardências do lúbro fogo do Purgatório. Não resta a menor dúvida de que é uma hipótese, que ao cético pode não convencer, mas abala.